



PORTIFÓLIO
Pedro Rena | 2023

CURRÍCULO

Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, desenvolve a pesquisa "Mínimos gestos: escrita, fotografia e memória nos arquivos do Museu Helena Antipoff". Mestre em Comunicação Social pela UFMG, na linha Pragmáticas da Imagem (2022). Formado em Letras pela UFMG com Formação Complementar em Comunicação Social (2018). Foi bolsista do Projeto de extensão "forumdoc.ufmg" (2015-2016) e bolsista de Iniciação científica da pesquisa intitulada "Narrativas da violência: Brasil de perto e de dentro" (2017-2018). Integrou o Júri de Estudante do Festival de Cinema 9 Semana de Cinema no Rio de Janeiro (2017). Organizou e fez curadoria da Mostra e seminário de cinema "68 e Depois", realizada no Cine Humberto Mauro (2018). Trabalhou como Assistente de produção e direção na produtora Anavilhana Filmes (2016-19). Integrou a equipe de curadoria do 9 "Cine Cipó - Festival do filme insurgente" (2020). Editou e organizou o livro "Geografia epistolar" (2021). Atualmente é editor da Revista "Em Tese" (2023). Pesquisa as relações entre a palavra e a imagem. Tem interesse nos estudos comparados entre literatura, cinema, fotografia e artes visuais. Tem experiência com design, edição de vídeo, diagramação e edição de textos, filmagem de eventos.



NO FINAL DOS DIAS, OU SEJA, TODOS OS DIAS:

O DIÁRIO ÍNTIMO COMO SUBJETIVAÇÃO NO FILME *ARÁBIA*¹

PEDRO RENA²

CÉSAR GUIMARÃES³

EDUARDO DE JESUS⁴

RESUMO Neste ensaio fazemos uma análise do processo de subjetivação política do personagem Cristiano no filme *Arábia* (2017), de Affonso Uchôa e João Dumans, tendo em vista a sua escrita de um diário íntimo. Fazemos comparações com o cinema de Leon Hirszman, em filmes como *São Bernardo* e *Abc da Greve*, para observar a linhagem estético e política na qual *Arábia* se insere.

PALAVRAS-CHAVE *Arábia*; diário; cinema brasileiro.

ABSTRACT In this essay we analyze the process of political subjectivation of the character Cristiano in the film *Arabia* (2017), by Affonso Uchôa and João Dumans, in view of his writing of an intimate diary. We make comparisons with the cinema of Leon Hirszman, in films such as *São Bernardo* and *Abc da Greve*, to observe the aesthetic and political lineage in which *Arabia* is inserted.

KEYWORDS *Arábia*; daily; Brazilian cinema.

1 Este texto foi escrito a partir da dissertação de Pedro Rena, orientada por César Guimarães, que contou com a participação de Eduardo de Jesus na banca. A pesquisa de mestrado foi financiada pela FAPEMIG. Agradecemos também às contribuições de Roberto Said e Cláudia Mesquita que igualmente fizeram comentários relevantes a este trabalho também na banca de defesa.

2 Doutorando em Teoria da literatura e Literatura comparada pela UFMG.

3 Professor do PPGCOM do departamento de Comunicação Social da UFMG.

4 Professor do PPGCOM do departamento de Comunicação Social da UFMG.

A TAREFA DE LUTO DIANTE DA HERANÇA MALDITA¹

HERANÇA MALDITA: DO CICLO DO OURO AO NEOLIBERALISMO (TOMÁS AMARAL, 2021)

PEDRO RENA

*E virá a companhia inglesa e por sua vez comprará tudo
e por sua vez perderá tudo e tudo volverá a nada
e secado o ouro escorrerá ferro, e secos morros de ferro
taparão o vale sinistro onde não mais haverá privilégios*
“Os bens e o sangue” (1951), Carlos Drummond de Andrade

No início da década de 2010, o cineasta Oswaldo Teixeira filmou um processo de despejo de moradores do antigo distrito de Noschese para a construção de um terminal de cargas dedicado à empreitada extrativista naquela região. Filmado entre 2011 e 2012, a equipe de *Erosões* se instalou durante dois meses e meio em uma casa alugada no Fecho do Funil, na interseção entre Brumadinho, Bicas e Mário Campos, bem próximo da retomada da terra indígena Naô Xohã. Há trechos do filme rodados de forma clandestina na Serra de Igarapé, na BR-381, e em Itatiaiuçu, pois eram áreas que tinham o acesso proibido pelas empresas mineradoras. Alguns anos antes dos desastres dos rompimentos das barragens de Mariana e Brumadinho, Teixeira se utilizou da máquina do cinema para entrar em embate contra a máquina mineradora, denunciando a atividade predatória do extrativismo, em um gesto crítico que se tornaria recorrente no cinema brasileiro contemporâneo.

Organizador e designer gráfico do livro **22022022** da *Surrealpolitik Edições*.

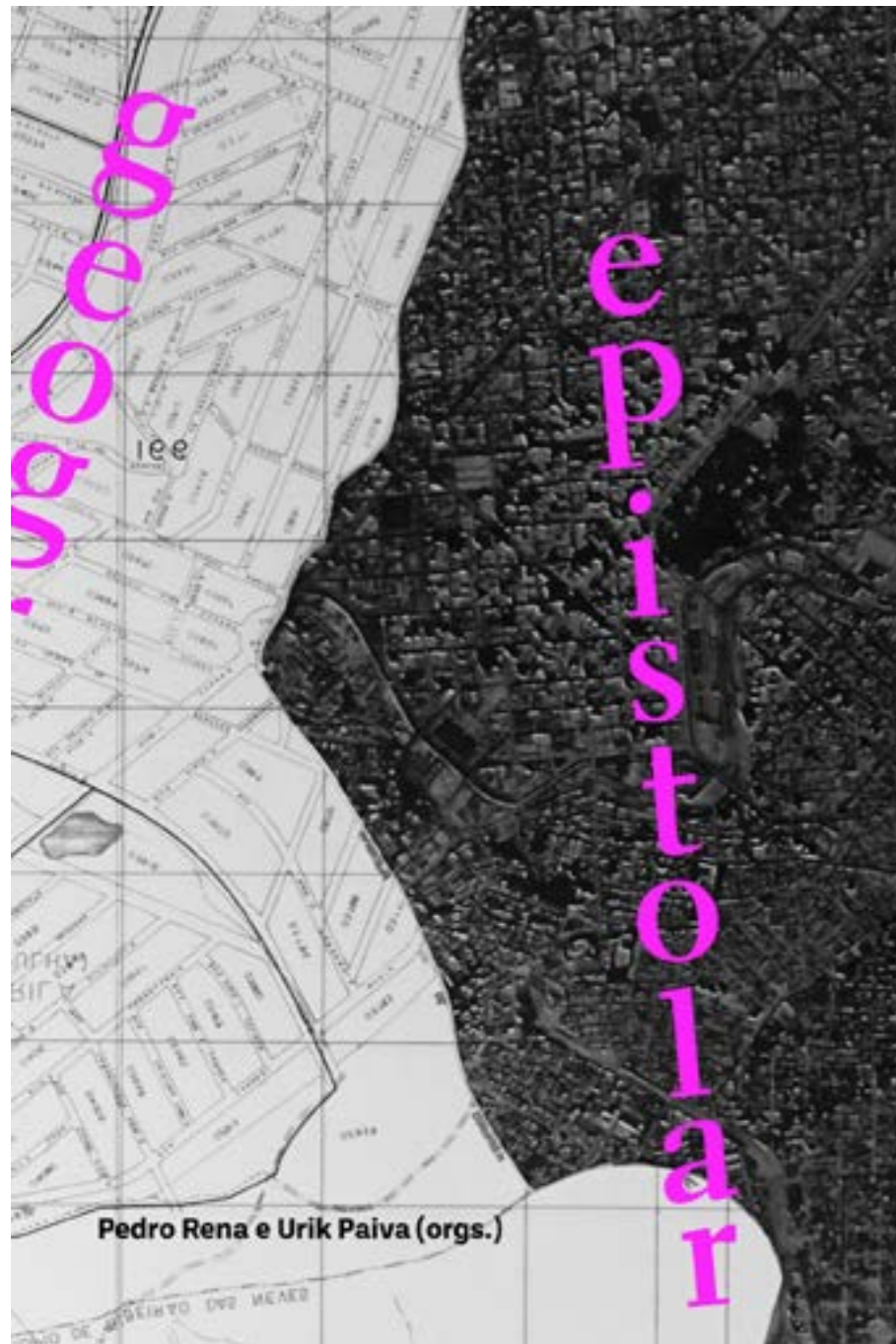
urik paiva
roberto medeiros
pedro rena
curadores

22022022



k edições

Organizador e co-autor do livro **Geografia epistolar**, da Surrealpolitik edições (2021)



TROCA DE AFETOS EM TEMPOS SOMBRIOS

Primeiro lançamento da editora mineira Surrealpolitik, o livro “Geografia epistolar” reúne a correspondência virtual – e poética – de pessoas em diversas cidades e países

CAROLINA ANGLADA

Quando *dizer é fazer*, escrever uma carta, além de propor visitas, traçar mundos, pontilhar rotas, itinerar vidas, pode implicar na desmontagem de mapas. Trata-se, nesse caso, de desmedir o que está, pela razão que seja, fora de alcance. Quem escreve sabe, portanto, que não é certo encontrar o seu destinatário, aquele a quem ela se endereça, mas o texto, conduzido pelas circunstâncias e tropeços, certamente achará (ou inventará) alguém para travar uma conversa ou desconversa. Ai está o jogo do inesperado que constitui o elo entre a literatura e a vida, no qual quem lança o dado jamais consegue eliminar o acaso de um destino incerto.

“Geografia epistolar”, fruto do desejo dos organizadores Pedro Rena e Urik Paiva de fazer circular a letra, a palavra, os afetos, de restabelecer os elos, as alianças, a aventura de ler e ser lido, se coloca como gesto de crédito à literatura e ao endereçamento, com coragem de tornar público o privado. O livro e a editora, a Surrealpolitik, chegam ao mundo quando o mundo mesmo parece estar em estado de espera, triste, crente no que se julga ser um real sem resto. Por isso, esta ideia de organização de cartas entre amigos e entre desconhecidos, cartas que às vezes são respondidas e às vezes sabem da impossibilidade de resposta, pode ser entendida tanto quanto “obra” quanto “de-sobra”, posto que trabalha no impasse de um tempo sem correspondência – tempo de fixação a um certo realismo pragmático, que oblitera as utopias e os projetos revolucionários.

O projeto, em um primeiro momento circunscrito ao Instagram, nasceu de uma amizade, de um mineiro e um cearense, que propuseram aos seus amigos atravessarem textualmente o distanciamento social ocasionado pela COVID-19. Agora, esse projeto se torna livro, inscrevendo-se na esteira de uma longa tradição afetiva epistolar na qual podemos incluir inúmeros nomes, como o do importante pensador francês Maurice Blanchot e o poeta russo Vadim Kozovoi, a quem o filósofo ajuda a entrar na França, com seu filho, em busca de tratamento médico para ele; Fernando Pessoa e o seu amigo mais íntimo, Mário de Sá-Carneiro, com quem se corresponde até o momento em que, sabendo astrológicamente da sua morte, ainda assim lhe escreve; Ana Cristina César e Heloisa Buarque de Hollanda, a quem nomeia de coração, *dolcezza*, *dearest of my heart*; os pensadores Georges Bataille e Michel Leiris, ao redor dos quais formou-se aquela comunidade inconfessável também conhecida como comunidade dos amantes. Esses são apenas alguns dos exemplos de escrita a dois, entre dois, confinados a um porvir que geralmente falta ou de um desaparecimento que vem, e que ainda assim falam de uma amizade sem reserva. O que nos lembra a célebre amizade entre Montaigne e Étienne La Boétie, a eternizar a frase que consta nos ensaios do primeiro: “Se insistirem para que eu diga por que o amava, sinto que o não saberia expressar senão respondendo: porque era ele, porque era eu”.

Entretanto, o projeto de Pedro e Urik vai além do princípio do prazer epistolar ou de uma paixão da igualdade, desta espécie de intimidade a distância que a carta propicia. Se o livro começa com um diálogo entre os dois amigos, logo desaguamos em uma série aberta de textos com destinatários os mais imprevisíveis, em que a relação afetiva revela a impossibilidade de ser decomposta em elementos objetivos. Por que não considerar, então, estes epistológrafos e leitores, como um povo múltiplo, uma comunidade de potencialidades que aparece e desaparece, posicionando-se intempéstivamente diante de fatos sociais, fatos literários, cinematográficos, musicais?

Afinal, não se trata de um projeto de organização necessariamente por afinidades, preferências, simpatias, amizades reais. Os outros e os outros dos outros são generosamente aceitos nessa partilha lateral, imaginária, formada ao acaso, em que semelhanças e desencontros têm lugar, na medida em que o comum é a sensação de dispensabilidade de poetas, sonhadores, surrealistas no tempo presente. O que nos faz recordar uma das cartas de Blanchot ao seu amigo russo Kozovoi, poeta e tradutor de poesia francesa, a quem nunca encontrou, senão textualmente (como é também o caso de uma ou outra carta do livro): “Ou ainda o sentimento de que ninguém jamais estará em seu lugar em nenhuma parte. Está nisso nosso destino de escritor, mais pesado para ti do que para qualquer outro”.

Esta geografia parece herdar aquilo que o poeta surrealista francês André Breton imaginou representar a tarefa especial de sua poética: ser possível caminhar por onde ninguém caminhou. A primeira carta, inclusive, tem o título de “Órbita”, e junto a outras, nomeadas como “Atração”, “A propósito de estrelas” e



“Susurro sob a Lua”, fazem da escrita uma recusa do objetivismo e do realismo, singularizando-se como prática des-realizante.

Observamos formas de ocupar o mesmo tempo e o mesmo espaço, simultaneamente a precursores, àqueles de quem as obras oníricas, políticas, sensíveis, nos permitem sonhar uma saída aérea, uma promessa de salvação, ainda que turbulenta, como nos diz a carta de Rita Pastana a Augusto Barros. Em relato do seu sonho, Rita escreve: “Uma vez o avião em piloto automático, começa a maior turbulência aérea que senti. Percebo que o meu corpo está de pé e que o meu equilíbrio é muito frágil”. O gesto político se afirma precisamente no intento de trazer a imaginação para este sintoma dos tempos desequilibrantes, em que tudo parece pender absolutamente, sem qualquer possibilidade de política antigravitacional, como defendia a filósofa Simone Weil.

Encontros inesquecíveis

As cartas apostam na imaginação, no afetivo, e, mais ainda, na possibilidade de afetação dos corpos. O modo de deixar de sentir é relatado em muitos dos textos. De fato, a imunidade parece contaminar nossos sentidos, como pensa o filósofo italiano Roberto Esposito quando nos explica que a conservação da vida está condicionada a um poder coercitivo que ao mesmo tempo protege e aprisiona o corpo. Não por acaso são lembrados tantas vezes nas cartas os encontros pré-pandêmicos, regados a música e dança, e que se tornam inesquecíveis justamente pela possibilidade de modificação e multiplicação das percepções espaciais temporais.

Se uma amizade nasce de um estar ébrio e louco, de um estar votado ao desconhecido, como vemos na carta de Urik a Pedro, no texto de André Elias, dirigi-do-se também a Pedro, a repulsa a estar sóbrio só não é maior do que a repulsa de estar embriagado. Nessa última carta, posto que parece tratar-se do diálogo entre vizinhos, a escrita funciona como uma campanha, a salvar uma margem de comunicabilidade, mesmo que absintémica, capaz de proliferar nossas sensações de proximidade e afastamento. Em certa medida, quer se trate de longas distâncias, quer o diálogo seja bem próximo, o que as cartas operam é o apagamento das linhas de demarcação, um abrir das portas a provocar graus de despersonalização, quando alguém pode ser apelidado, renomeado, reencontrado.

A máquina epistolar propulsa novas vizinhanças,

novos limiares, descodificando, inclusive, as leis do gênero e das filiações. Uma carta em forma de poema é endereçada a uma poeta que escreve poemas em forma de carta: seria isso uma carta ou um poema em abismo? A tradição em que se inscreve o texto de Carina Gonçalves, a misturar os estilos, as dicções e os objetos, é longa, e inclui, além da destinatária, a poeta contemporânea Marília Garcia, também Emily Dickinson, Maria Gabriela Llansol, as três mariais das “Novas cartas portuguesas”, entre outras escritoras que se propuseram a embaralhar os gêneros do ponto de vista sexual e literário.

Afinal, haveria uma forma epistolar, ou esta seria como que o resultado da devoração de vários modos textuais? Os espectros se multiplicam, afirmando a possibilidade de um entre-lugar, como quando lemos na carta de Carina: “Vejo que o que você escreve é transparente como fantasma”. O silêncio, a lacuna, o translúcido, são importantes nesses textos, seja na escansão de versos, seja ainda no desejo de manter o assunto da carta indefinido, inespecífico. Ainda nessa carta, são os enganos geográficos ou as geografias da interpretação que prevalecem, em consonância com a poética da destinatária, Marília Garcia.

Por que, então, não escrever cartas como se estivéssemos a estudar, a aproximarmo-nos daqueles a quem nossas pesquisas se voltam, a quem nosso sensível se devota, seja por conta de um filme, um verso, um ensaio sobre o retrato no cinema, um manuscrito traduzido e esgotado? Por que não pensar, ainda, na carta, não enquanto geografia ou conservação de si, e sim como um dispositivo coletivo, descentralizador, capaz de fazer de nós fantasmas a atravessar os limites do tempo? Uma máquina capaz de desarticu-lar nossas noções espaciais, de articular outras percepções e outros sensíveis nos quais transitamos e atravessamos...? A carta de Joviano Maia é exemplar do que se defende em termos de uma poética da confluência, ao restituir um timbre afropindorâmico, aprendido com o poeta Negro Bispo, a quem o texto se endereça, e que, de alguma forma, o celebra, celebrando sua posição costeira colonialista. Neste, lemos um poema, um “versar a resposta da resposta/ a réplica da réplica, a tréplica, / que em verdade/ nada responde/ nem faz proposta/ somente expressa, / talvez uma aposta, / em três palavras/ início meio início”.

Conversa infinita

O poema em homenagem a Bispo diz não mais acreditar no fim. De fato, esse é um livro que comunga com a ideia blanchotiana de uma conversa infinita, ao mesmo tempo em parece disparar os inícios, os começos, os prelúdios, as rescritas. As práticas afrodiaspóricas de montagem e colagem de pontos dispersos permitem sonhar uma saída aérea, uma promessa colonialista, nesta carta de Joviano, ilustram o que viria ser a posição afropindorâmica, potência conectiva que está sempre por restabelecer e recriar as ligações e as continuidades entre as culturas. Este parece ser um ponto alto do livro e do projeto organizados por Pedro e Urik: o de estabelecer pontes entre lugares distintos, além de desconfortar dos fundamentos ocidentais da escrita epistolar, tão ancorada na interioridade, na sinceridade e na profundidade, mas também da nossa cultura tão apêgada a valores de linearidade, progressismo e racionalidade.

Assim, um navio negroiro devem jangada e uma jangada devem gôndola.

O anacronismo acaba por se revelar uma de nossas inesperadas vantagens, por dar continuidade ao inacabamento, reatualizando o começo para que encontremos outro futuro. Trata-se de um importante dispositivo para que permaneçamos resistindo entre o meio e o início, como defende Joviano. A carta de Maraíza Labanca, por exemplo, custa a começar, gira em falso, sem achar o vocativo propício. Até que assume essa impossibilidade como força motriz: “Talvez esta carta vá assim, sem vocativo, porque toda ela é um vocativo, no sentido em que o Nancy fala, você se lembra? Desse apelo ao outro, um apelo vocal. Então eu talvez não diga nada aqui. Talvez, inclusive, nunca tenha havido nada a dizer. O que a humanidade de faz, o tempo todo, e esse apelo, essa convocação às vezes desesperada... A anunciação de uma falta”. Alguns mais cartas não normam, deixam lugares vazios, digamos de nossos vivos interesses em deslocamento, a sala onde um dia se poderá dançar de novo, com os mesmos ou novos parceiros, com os nossos ancestrais, ávidos pela vida.

O vivido, o sabido e o que ainda não teve lugar se reencontram nessas trajetórias que não são simplesmente relatos, mas, mais ainda, modos de acessar o real refratário, o surreal, as poéticas que estão mais para lá do nome próprio, como numa dança sempre imprevisível, uma incógnita musical guardada para tempos futuros, para o próximo ato ou para o par ainda não formado. De modo muito pertinente, Urik, em carta-conto a Dante, fala em uma “espera ativa”, este talvez seja um livro que procede de fato, por relâmpa-



o “GEOGRAFIA EPISTOLAR”

o Organização de Pedro Rena e

Urik Paiva

o Editora Surrealpolitik

o R\$ 55

o Lançamento presencial neste

sábado (18/12), das 19h

às 21h, no Sula Beagó

(Avenida Afonso Pena, 955,

Centro), com discotecagem

dos DJs Carichan e Foel

gos e raios, momento brevíssimo em que o passado e o presente se tornam contemporâneos, abertos ludicamente ao aqui e ao agora da alquimia da escrita. Além da ordem do imprevisível acontece para se continuar a criar, a escrever, a endereçar-se. Qual seria essa força que nos faz deslocar os limites entre o documento e a ficção, transbordando o enquadramento, a causa da escrita, o tema a-temático de uma missiva?

“Geografia epistolar” não é de fáceis respostas nem de trajetos previsíveis. Aqui também lemos a carta de um diretor goiano que escreve para um poeta também goiano, morto precocemente, para que juntos pensem o futuro; um compositor mostra como musicou o poema de uma poeta portuguesa, e há quem garanta que ela sorriu para o resultado; uma artista conversa com um poeta e professor, autor de um belo livro nomeado “Geografia aérea”. Há, inclusive, quem viva em mais de um lugar, como no caso de Randolpho Lamoner, artista mineiro cuja biografia no site Prêmio Pipa nos diz que “vive entre Paris e Contagem, Betim e Berlim”. Autor de uma série de bandeiras intitulada “Profecias”, em que costura e bordado tecem mensagens vindas do futuro, Randolpho nos confirma que nunca estamos puros diante do outro, nem nos situamos num único tempo, e que a nossa descontinuidade acaba se mostrando motor para que os afetos possam resistir mesmo durante grandes intervalos, em que a ausência de resposta ou o impossível diálogo convertem nossas utopias a um pragmatismo pobre.

A verdade é que, por mais que escritores e leitores se distanciem, às vezes sendo até anônimos ou desconhecidos uns para os outros, “nesses tempos de isolamento todos são nivelados a esse patamar de cúmplices, parceiros de uma grande empreitada.” Os nomeados e os anônimos que aqui comparecem são em alguma medida impessoais e singulares, reinstaurando um comum por meio de um convocar da carta não com vistas ao pacto que ela estabelece com o leitor, mas nos sentidos de sua subversão e desconstrução. Marina Rima, em uma carta enumerada em forma de lista, nos diz: “2. Talvez tenha decidido escrever porque sabia que não escreveria.” Uma carta, como a objetiva de uma câmera fotográfica, às vezes só captura a imagem no movimento de abrir e fechar das lentes. No último texto destas geografias epistolares, lê-se com mais precisão esse movimento paradoxal, presente em maior ou menor grau também nos outros textos, de um pensamento insensato, de uma escrita que libera possibilidades, de uma dicção distraída entre o público e o privado.

A parcialidade dessas cartas não assume a exclusividade do testemunho ou da poesia de nosso tempo, tampouco parece almejar a palavra final. Ao contrário, nesse Ir e vir das palavras elas abrem brechas, tornam sensível a distância que nos habita, ampliando o insondável deste tempo com restos que ainda estão por serem indagados. “Geografia epistolar” é, então, um esforço, poético e político, para pensar a partir de dois, para sonhar este mundo que não é tão só datado nas cartas.

Entrevista no Programa Almanaque na Rádio Inconfidência sobre o livro **Geografia epistolar** (2021).

Link: <http://inconfidencia.com.br/modules/debaser/singlefile.php?id=21612>



A RÁDIO PROGRAMAS COLUNISTAS ACONTECE DOWNLOADS PROMOÇÕES COMERCIAL FALE CONOSCO

A- A+

Almanaque:

ALMANAQUE

Entrevista - Pedro Rena - 23/12/2021 - Duração: 59:45 Minutos

▶ 0:00 / 59:45



🔍 31 ☆ 7



Twitter AM

SIGA NOSSO TWITTER



Twitter FM

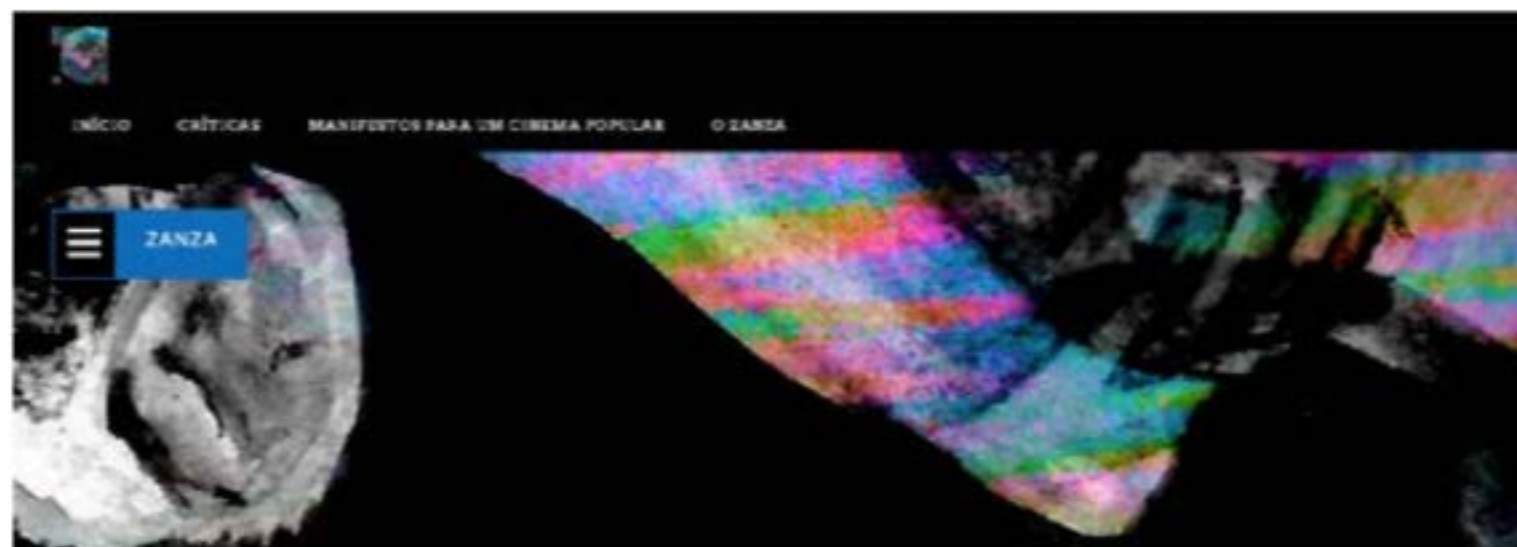
SIGA NOSSO TWITTER

Apresentador(es): Waleska Falci

• Bitrate: 128 kBit/s

• Frequencia: 44100 Hz

Publicação de ensaio na revista Zanza (2021)



POSTADO 11 DE MAIO DE 2021

É noite, sinto que é noite

Por Pedro Rena[1] Escurece, e não me seduz tatear sequer uma lâmpada. Pois que aprouve ao dia findar, aceito a noite. E com ela aceito que brote uma ordem outra ... [Continue lendo](#)

Revisão Revista Devires (2021)

Início / Devires / Revista Devires v.15 n.2 – Dossiê Pedagogias do Cinema II



Revista Devires v.15 n.2 – Dossiê Pedagogias do Cinema II

[Download](#)

Categorias: [Devires](#), [Dossiê](#)

ORGANIZAÇÃO DOSSIÊ PEDAGOGIAS DO CINEMA II

André Brasil
Clarisse Alvarenga

REVISÃO GRÁFICA

André Brasil
Bernard Belisário
Carla Italiano
Clarisse Alvarenga
Fábio de Carvalho
Júlia Fagioli
Leandro Lopes
Pedro Rena

Organização Mostra Encruzilhada de Imagens do Colóquio Ainda Assim nos Levantamos (2021)



Mostra de imagens

Alessandra Brito

Douglas Maia

Fábio Carvalho

Fabio Rodrigues Filho

Leonardo Camara

Pedro Rena

Rafael Mello

Projeto Gráfico do Cartaz da
Mostra Encruzilhada de Imagens (2021)



Organização do Colóquio Discente PPGCOM (2021)

Certificado

IV COLÓQUIO DISCENTE: DIALOGOS E CONVERGÊNCIAS

Certificamos que Pedro Rena participou do "IV Colóquio Discente: Ainda assim nos levantamos", na condição de organizador do evento, promovido pelo corpo discente do curso de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, entre os dias 01/03/2021 e 05/03/2021.



Cafaitalano Graciela Maça Rafael Francisco

Discentes do PPGCOM-UFMG
e coordenadores(as) do evento

"AINDA ASSIM NOS LEVANTAMOS"

APOIO

UFMG



Direção, fotografia e montagem do filme *Orla Norte* (2021).

Exibições

Festival FAC (2021) e **Filmes na quarentena** - Pena Capital (2021).

Link: <https://vimeo.com/536402423>



Montagem do clipe *Now I Dance At Home*, de LowMonotone (2021).

Link: <https://vimeo.com/565435179>



Montagem do clipe *Sol/Lua*, de LowMonotone (2021).

Link: <https://vimeo.com/525827924>



Direção, fotografia e montagem do filme *Melodia, harmonia e ritmo* (2020).

Link: <https://vimeo.com/429719657>



Montagem do trailer do filme *Entre nós talvez estejam multidões* (2020), de Aiano Bemfica e Pedro Maia.



Montagem do clipe *Vertigem* (2020), do Projeto Avatarez.

Link: https://youtu.be/GRfnS_2MrmQ



Montagem do clipe *Avatares Meteorológicos* (2020), do Projeto Avatarez.

Link: <https://youtu.be/ZBhuZjSS7-Q>

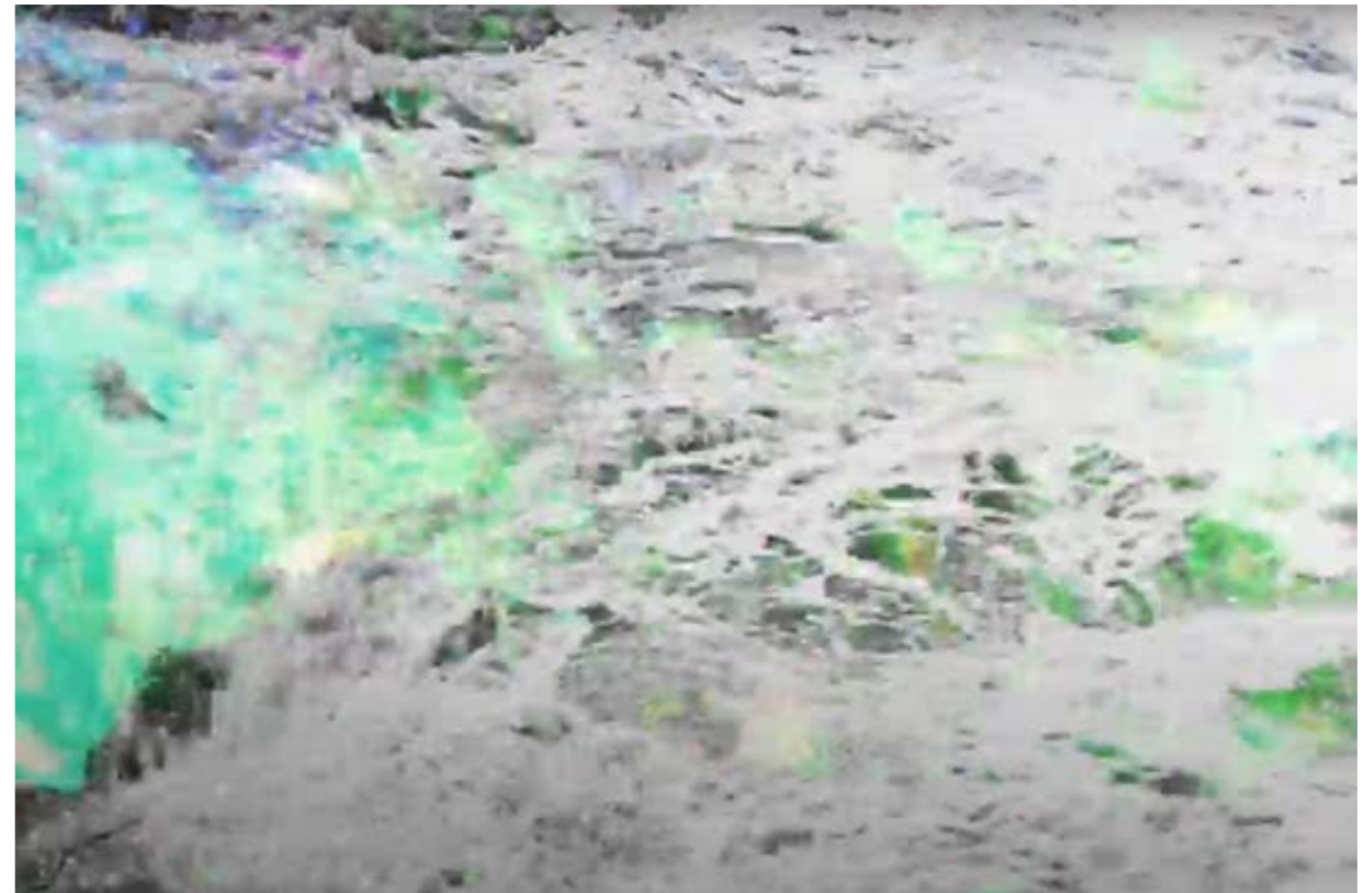
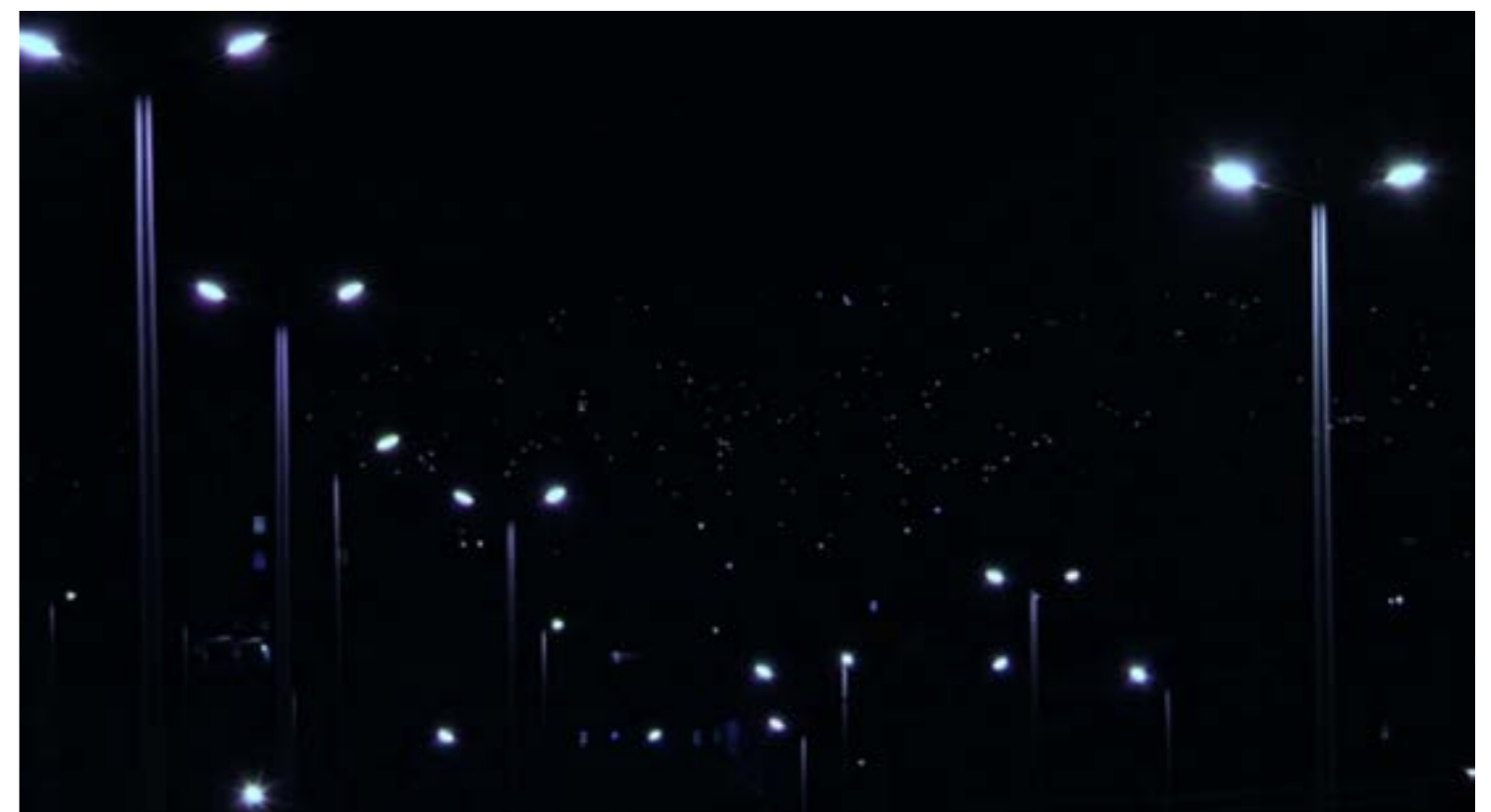
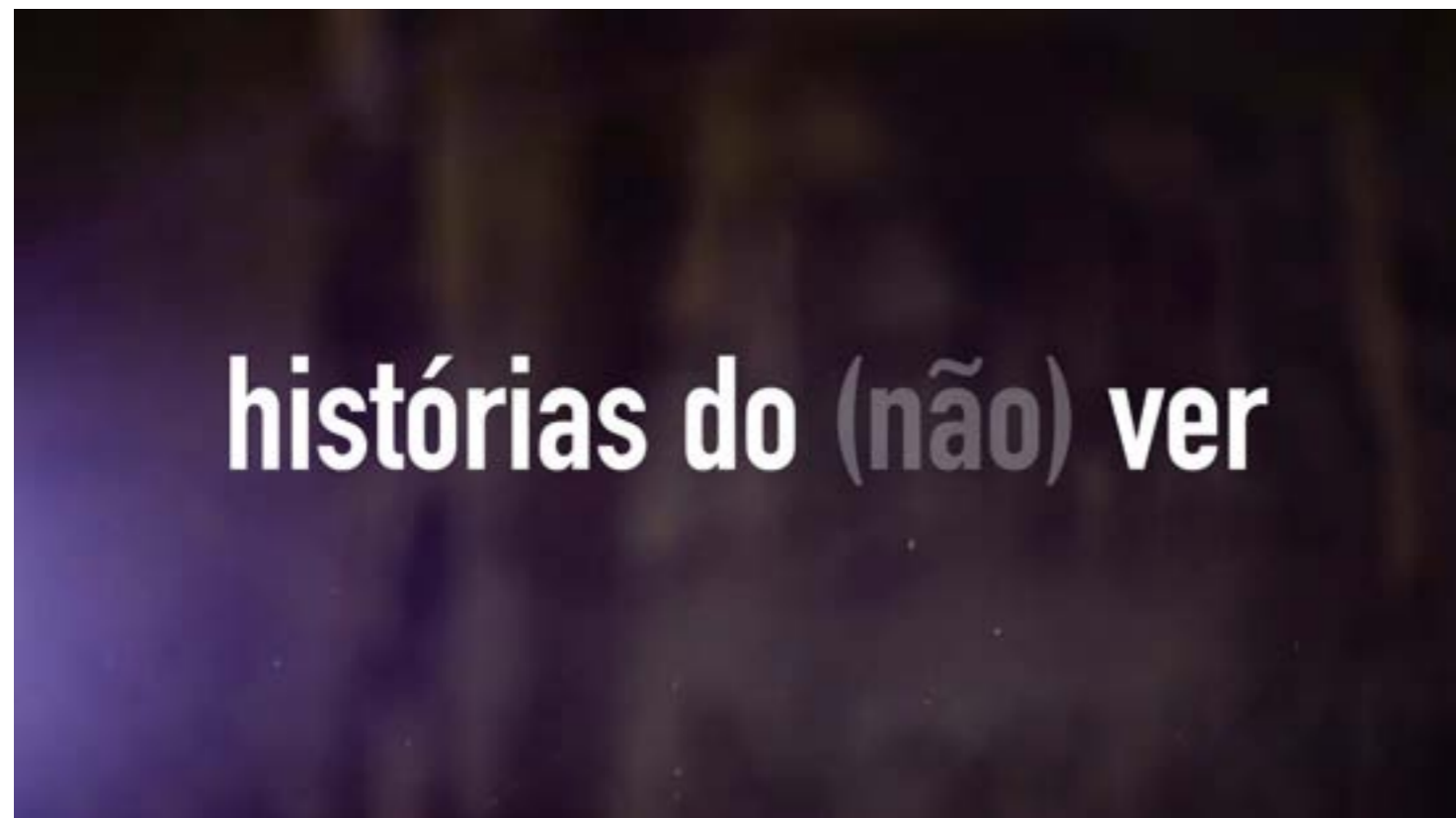


Imagem da capa do disco *Avatarez* (2020).
Logo por Roberto Bellini.



Montagem do teaser da mostra *Histórias do (não) ver* (2020).
Grupo de pesquisa Poéticas da experiência. Curadoria: Pedro Rena.

Link: <http://www.poeticasdaexperiencia.org/2020/08/historias-do-nao-ver/>



Montagem do teaser do projeto *Geografia epistolar* (2020).
Projeto de Pedro Rena e Urik Paiva.

Link: <https://surrealpolitik.cartografia.org/geografia-epistolar/>
Vídeo: <https://vimeo.com/432249007>



Montagem do teaser pra festa *C.R.A.P* (2020).

Link: <https://vimeo.com/423818814>



Filmagem das peças *50 anos Dudu Hermann* (2019).

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ulsXgGZATN0&t=2s>



Filmagem do vídeo *Lab Brasil - Motion Bank* (2019), com Thembi Rosa.

Link: <https://vimeo.com/338281418>



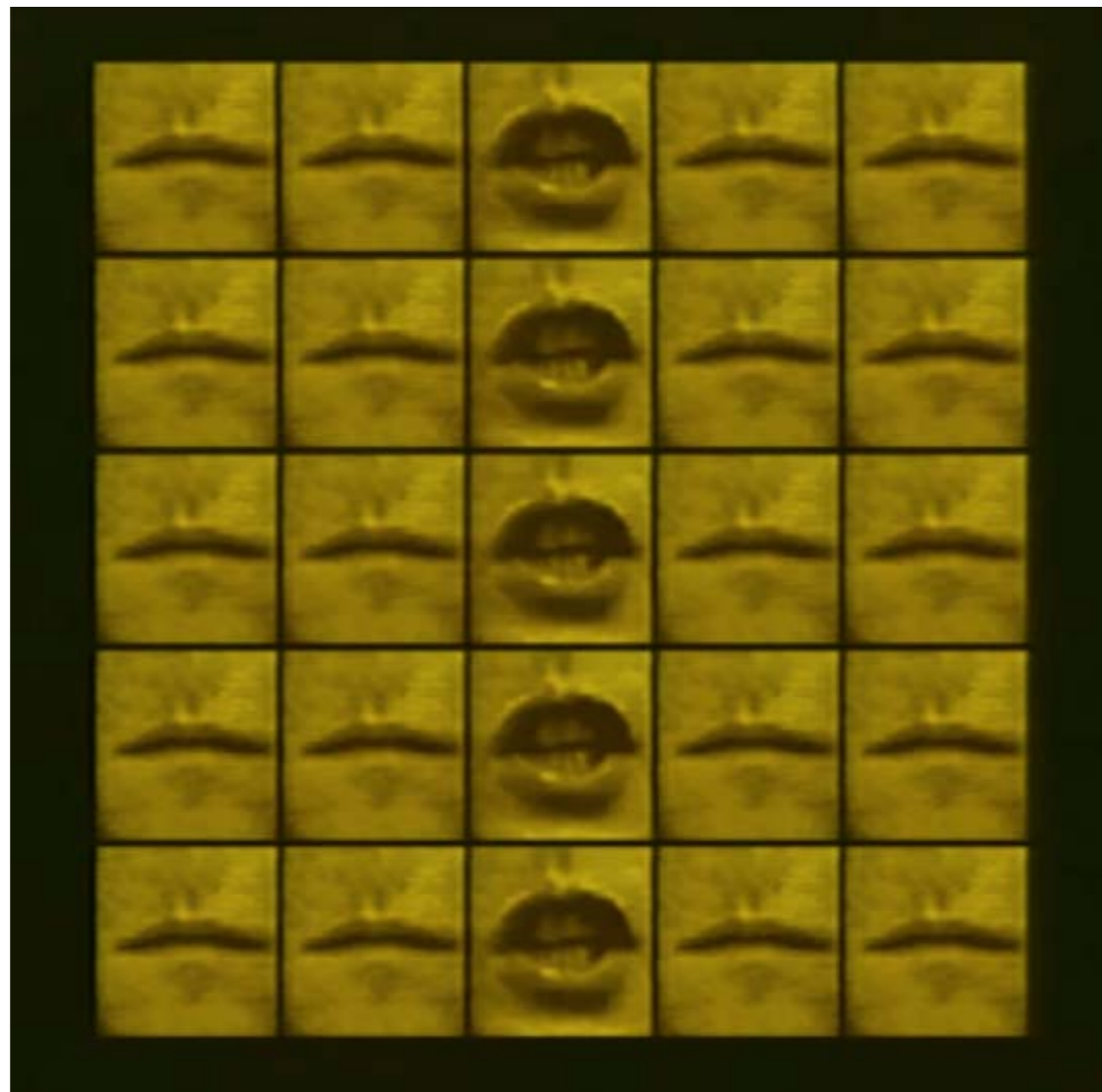
Montagem do vídeo *GAL - Roberto Bellini* (2019).

Link: <https://vimeo.com/336436984> // senha: gal



Montagem do bookteaser do livro *Eu nunca fui ao Brasil* (2019), de Ernst Jandl, da editora Relicário.

Link: <https://vimeo.com/332108867>



Fotografia Still e Diário de Processo do filme *Canção ao longe*, de Clarissa Campolina (2019).



Montagem do vídeo *A máquina do mundo* (2019),
para a oficina Cinema e poesia, com Carina S. Gonçalves.

Link: <https://vimeo.com/318802939>



Assistência de Produção e Making Of no clipe *Medo de ser*, de Arnaldo Antunes (2018).
Direção: Daniel Rangel e Pablo Lobato

Link: https://www.youtube.com/watch?v=s_a6dH8UdIA



Montagem dos teasers da mostra *68 e depois* (2018).
Curadoria: Pedro Rena e Natacha Rena.

Link: <https://68edepois.cartografia.org>



CINEMA

O ano que nunca terminará

Julio R. Lima (*)

Passados 50 anos desde os acontecimentos marcantes de Maio de 1968 em todo o mundo — as manifestações estudantis no final e na Europa, as greves operárias de Costagren e Danco e os movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos, por exemplo —, nesse tempo continua reverbando essas fatos. Com o intuito de questionar os rumos da nossa história após o período, o Cine Humberto Mauro e o grupo de pesquisa "Indisciplinar" da UFMG repassa o registro filmográfico desta e de outras épocas na mostra "68 e Depois", em curtas a partir da próxima quarta-feira (30) a 3 de junho, no Palácio das Artes.

O evento, que terá a exibição de filmes e seminários — revista tanto os temas que levaram as pessoas a se mobilizarem em manifestações e atos nas ruas de inúmeras cidades há 50 anos, como também os movimentos decorrentes do Junho de 2013 no Brasil, na intenção de estabelecer um paralelo entre os dois momentos. "Há um gesto de resgate a história para emergir o presente. A mostra serve mesmo para estabelecer uma palavra final ou compreender o processo, definindo

"foi isso, foi aquilo", mas para pensar o que reverbera hoje em dia", explica o curador Pedro Lima.

Para ele, sempre há "a necessidade de filmar os momentos e uma necessidade de montar (o filme) um tempo depois, com um outro olhar sobre os acontecimentos". Por isso, a seleção de estreia traz "No Interior Agora" (Já mais sobre o filme nesta página), de João Moreira Salles, seguido de um debate marcado com o cineasta e o Secretário Municipal de Cultura de Belo Horizonte Juan Ferreira. "O Juan viveu isso tudo. Foi exilado na década de 1970 e morou na França. Ou seja, ele viu o golpe de 1964, viu o Maio de 1968 e posteriormente participou de governos do período democrático — e acabou sendo deposto", lembra Pedro, em referência ao impeachment da presidente Dilma Rousseff, do qual Ferreira foi ministro da Cultura.

DOCUMENTAIS

"Trazemos filmes mais documentais, como 'O Partido do Ar é Vermelho' e 'Morrer Aos 30 Anos', que são arquivados por uma subjetividade dos diretores. 'Morrer Aos 30', de Renato Gonalves, que filma os movimentos de 1968, é sobre um grande militante, amigo dele, que suicidou. Ele queria os dois movimentos de trazer um aspecto pessoal e histórico

para o registro", observa o curador.

A tematização do suicídio é uma constante nos filmes da época. "As pessoas passaram por um período de esperança com as conquistas que vinham acontecendo nos anos 1960 e isso parece demonstrar no final de 1968. 'Morrer aos 30' fala sobre vários estudantes que se suicidaram, o filme do João traz as imagens da mãe dele durante o regime militar na China e, depois um processo de depreciação, ela acaba se suicidando. Tem também o filme sobre o Tonquato Neto, que suicida-se em 1972", destaca Pedro.

A curadoria destaca ainda outras obras que compõem a mostra e que buscam o resgate histórico dos temas para o presente, como "Barravento Novo", de Fider Sertus e Bruce Yonemoto, que referencia o primeiro longa de Glauber Rocha, de 1962, "Barravento". A seleção será comentada por Pedro Paulo Rocha, filho do diretor de "Terra em Trânsito" — que também compõe a programação de "68 e Depois".

Para fechar o ciclo de debates, a curadoria apresenta "Vocês são Luta" (2017), documentário de Eduardo Comenni e Tiago Tambelli, que retrata a ocupação de escolas públicas carocacas após a decisão do poder público de realocar os alunos desassistidos em vez de coordenar uma manutenção nos espaços. "Se na França você tem a ação de estudantes privilegiados, no Brasil você tem os estudantes da rede pública engajando-se em manifestações pelo direito à educação. A seleção dos filmes se reverbera e trouxemos especialistas de áreas diferentes para discutí-los. É uma forma de reunir os realizadores e os estudiosos", afirma Pedro.

Abertura 30.mai.



"No Interior Agora" Documentário do diretor João Moreira Salles retrata imagens de arquivo feitas por sua mãe, Elza Gonçalves, além de uma série de acontecimentos da década de 1960



"Tonquato Neto - Todos As Horas do Dia" Filme recupera a história do artista, poeta e jornalista brasileiro e as influências do tchê e do rockabilly que configuraram o movimento Tropicalista



Camila e Antônio Pivanga Alunos dialogam com os parâmetros de "Barravento", de Glauber Rocha, e fazem referência e debate sobre a atitude libertadora e o resgate às tradições religiosas

O Brasil que foi às ruas

Segundo o curador da mostra "68 e Depois", Pedro Lima, eles envolvam a história. Ele cita o filme "Barravento Nº1 - Povo Acordado e Sãos 1000 Ilustrados", um registro das manifestações de 2013, como exemplo. "Nesse há uma sequência em que fecha-se o quadro no rosto de uma mulher negra segurando a bandeira de um partido, enquanto ela é reprimida pelos que estão em sua volta, que pedem para que ela abata, sob gritos de 'sem partido'. Logo ela começa a cantar a história de seus 50 anos de militância e de quando a sua mãe era criminalizada pela ditadura", destaca o curador.

A seleção de "ABC da Greve", de Leon Hirszman, dirigida o realizador Afonso Uchôa, dos prêmios "Vizinhança do Tigre" e "Arabia", e o professor Luiz Dulci, que esteve à frente dos movimentos de greve de 1979, no ABC Paulista, rememora no documentário de Hirszman. O filme foi montado em 1990 e é resultado de uma pesquisa do diretor para a filmagem de "Eles Não Usam Black-Tie" (1991), com Fernanda Montenegro e Gianfrancesco Guarnieri, vencedor do Leão de Ouro em Veneza.

Despertar de Minas Gerais e Inteligência apaixonada

Diversão em Cena AccelarWital
 Transformando o ato em imaginação

BRANCA DE NEVE
 Cântabre Produções

DATA: Domingo, 03 de junho
 HORÁRIO: 16h

LOCAL:
 Centro Cultural Minas, Rua Celso
 Souza Filho, 2244 - Lourdes

INFORMAÇÕES: 3316-1380
 INDICAÇÃO: 1 ano

Agenciamos entre outros eventos de bilheteria e gestão 10% de despesa na compra de até 500 ingressos e logotipo

patrocinadores:

GOD SAVE THE QUEEN
20 YEARS TRIBUTAO QUEEN

16.JUN

"O MELHOR TRIBUTAO QUEEN DO MUNDO"
 REVISTA BILLBOARD STAGE

PABLO PAEZ (VOCALETA)

TRIQUE MILUS EM
 FOR DESCONTO
 NO INGRESSO

ticketsonline.com.br

hall

Av. N. Sra. do Carmo, 200 - BH

CINEMA

Cine Humberto Mauro recebe a mostra e seminário *68 e depois*, com exibição de 24 filmes e 13 rodas de debate sobre movimentos sociais e revoltas populares em diferentes épocas

Inquietude ontem e hoje

ROTEL, FLORENÇIÃO



O documentário *68*, do francês Patrick Rotman, reúne imagens de arquivo de protestos e diferentes parte do mundo

Primo Gauvão

S e tempos conturbados na economia e na política do país, como estes, costumam ou pelo deveriam jogar alguma luz em acontecimentos históricos, no Cine Humberto Mauro essa viagem temporal poderá ser feita através do cinema. De hoje até domingo, a mostra e seminário *68 e depois* vai reunir filmes que dialogam com os 50 anos dos levantes operários e estudantes registrados na França em maio daquele ano e também com outros movimentos ocorridos posteriormente, mas de contexto parecido, em outras partes do mundo e especialmente no Brasil. Com entrada franca e presença de convidados de diferentes áreas, o evento propõe conectar passado e presente através da telona. A programação inclui 24 títulos, entre longas e curtas. Realizadores e convidados especiais vão comentar as sessões. Na abertura,

nesta quarta-feira, às 14h, o adido de Cooperação e Ação Cultural da Embaixada da França no Brasil Philippe Makany e o diretor da Aliança Francesa Belo Horizonte Pierre Alfarroba falam sobre o documentário *68*, de Patrick Rotman, logo após a exibição. Em seguida, às 17h, será a vez de *No intenso agora*, de João Moreira Salles, lançado em 2017. O filme recupera imagens outros movimentos importantes dos anos 1960, além do levante estudantil de Paris, como a Primavera de Praga durante a dominação soviética e a China de 1966 sob o regime de Mao Tsé-Tung. O diretor estará presente para debater o filme ao lado do secretário municipal de Cultura Juca Ferreira.

A proposta é fazer uma ponte entre acontecimentos de cinco décadas atrás com episódios mais recentes da política nacional e mundial. Por isso a curadoria procurou convidados de formações variadas e filmes antigos e atuais, para ajudar nessa contextualização. "O

João Moreira Salles fez o filme durante 2013, influenciado por imagens gravadas por sua montadora nas ruas durante aquelas manifestações. Esse é um movimento que queremos fazer com a mostra", explica Pedro Rena, curador da mostra ao lado de sua mãe Natácha Rena, professora da Escola de Arquitetura da UFMG e coordenadora do grupo de pesquisa Indisciplinar da UFMG, que encampa o projeto de extensão Cartografia das Lutas Territoriais, responsável por analisar a articulação de movimentos sociais e políticos de resistência aos avanços neoliberalistas desde 2013.

Na programação, ele destaca ainda *O fundo do ar é vermelho* (Chris Marker, 1977), que mostra um panorama mundial dos levantes de esquerda dos anos 1960, passando por Cuba, Chile e China, além dos acontecimentos na França. Ainda na ideia de conectar passado e presente, ele cita *Morrer aos 30 anos*, de Romain Goupil, um filme sobre o melhor amigo

dele e os jovens que tinham 14 anos e entraram nos movimentos estudantis franceses"; e *Escolas em luta*, de Eduardo Consonni e Tiago Tambelli, "sobre as ocupações das escolas públicas de São Paulo, em 2016, quando percebemos que não eram estudantes burgueses e intelectualizados, como em 1968, então mostra essa diferença", adianta Rena.

A agenda reserva também espaço para filmes feitos no Brasil durante a ditadura militar ou sobre artistas brasileiros que atuavam na época, como o documentário *Tarquato Neto – Todas as horas do fim*, de Eduardo Ades e Marcus. O clássico *Terra em transe*, de Glauber Rocha, também estará em cartaz no sábado (2), precedido por *Barravento novo*, de Eder Santos e Bruce Yonemoto. Pedro Paulo Rocha, filho de Glauber, estará presente para comentar o filme. Na quinta-feira, ele apresenta seu trabalho mais recente: *Allepow: War machine*, sobre a guerra na Síria.

A presença desses filmes ajuda a fazer o "paralelo entre década de 1960 e dias de hoje", de acordo com o curador, assim como o curta *Lúcia*, de Nuno Ramos, cuja edição usa falas dos apresentadores do *Jornal Nacional* William Bonner e Renata Vasconcelos durante os noticiários do impeachment de Dilma Rousseff, formando a letra da música de mesmo nome de Tom Jobim, escrita em 1972. "Isso mostra como o passado está no nosso presente. Questões colocadas há 50 anos explicam nossas dificuldades de superar o subdesenvolvimento até hoje", argumenta.

Embora seja fruto de uma pesquisa que desenvolveu desde 2013, a realização da mostra coincidiu com um momento delicado do país, também marcado por levantes e entendimentos complexos. Natácha Rena acredita que os filmes que serão exibidos e debatidos ajudam a contextualizar o momento. "A questão política dessa última semana envolve pre-

ço da gasolina e Petrobras. Para nós, é clara uma conexão entre as revoltas de maio de 1968 na França, em grande maioria contra a Guerra do Vietnã, acusando os EUA de uma ação imperialista. Ou seja, aquela insurgência já era anti-imperialista, então temos várias pontes e conexões. No Brasil, já em 1968, a gente tinha uma juventude se mobilizando contra o golpe militar, que também teve forte influência norte-americana. Tratamos conexões, os levantes estudantis de 1968 apresentaram uma nova estética de lutas nas ruas, novo modo de atuar, protagonizado por uma juventude secundarista, não tão organizada via Partido Comunista ou sindicatos clássicos. Isso também foi visto no Brasil em 2013", compara.

MOSTRA E SEMINÁRIO DE CINEMA 68 E DEPOIS
De hoje (1) a domingo (3/6). No Cine Humberto Mauro do Palácio das Artes (Av. Afonso Pena, 5557 Centro, CEP 31260-7400). Entrada franca. Informações: www.ku.mg.gov.br



Projeto *68*, de Julia Mariana, reconstitui o clima das passeatas estudantis no Rio de Janeiro com imagens de época



Escolas em luta, de Eduardo Consonni e Tiago Tambelli, retrata as revoltas dos estudantes contra ações do Estado

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO

HOJE

- 14h - *68*, de Patrick Rotman (sessão comentada)
- 17h - *No intenso agora*, de João Moreira Salles (sessão comentada)
- 21h - *Ciel del tao*, de Nicolás Guillén Landrín; *Café arábigo*, de Nicolás Guillén Landrín; *79 primaveras*, de Santiago Alvarez; e *Now*, de Santiago Alvarez

AMANHÃ

- 14h - *Contestação*, de João Silvério Trevisan; *O bravo guerreiro*, de Gustavo Dahl (sessão comentada)
- 19h30 - *Morrer aos 30 anos*, de Romain Goupil (sessão comentada)
- 22h - *Allepow: War machine*, de Pedro Paulo Rocha (sessão apresentada pelo diretor)

1º/6 - SEXTA-FEIRA

- 14h - *Contestação*, de João Silvério Trevisan; *O bravo guerreiro*, de Gustavo Dahl (sessão comentada)
- 17h - *Projeto 68*, de Julia Mariana; *Retratos de identificação*, de Anita Leandro (sessão comentada)
- 20h - *ABC da greve*, de Leon Hirszman (sessão comentada)

2º/6 - SÁBADO

- 14h - *Pan-cinema permanente*, de Carlos Nader (sessão comentada)
- 16h30 - *Tarquato Neto – Todas as horas do fim*, de Eduardo Ades e Marcus Fernando (sessão comentada)
- 20h - *Barravento novo*, de Eder Santos e Bruce Yonemoto; *Terra em transe*, de Glauber Rocha (sessão comentada)

3º/6 - DOMINGO

- 14h - *Retrato nº 1 – Povo acordado e suas 1000 bandeiras*, de Edu Iosche; *Desde junho – Ep. 1*, de Julia Mariana; *Lúcia*, de Nuno Ramos; *Sessão contra golpe* (sessão comentada)
- 16h30 - *Operações de garantia da ordem e da lei*, de Julio Murat e Miguel A. Ramos (sessão comentada)
- 19h *Escolas em luta*, de Eduardo Consonni e Tiago Tambelli (sessão comentada)

Organização do número **68 e depois** no período da UFMG *Cadernos Benjaminianos* (2019).

Cadernos Benjaminianos

CAPA SOBRE ACESSO CADASTRO PESQUISA ATUAL ANTERIORES NOTÍCIAS EDITORIAL NORMAS DE SUBMISSÃO INDEXAÇÕES CONTATO

[OPEN JOURNAL SYSTEMS](#)

Capa > [Edições anteriores](#) > **v. 15, n. 1 (2019)**

v. 15, n. 1 (2019)

68 e depois

Dossiê temático "68 e depois", reunindo os trabalhos apresentados na Mostra de cinema 68 e depois, organizada para celebrar, criticamente, os 50 anos das agitações e esperanças de 1968.

Edição completa

Ver ou baixar a edição completa [PDF](#)

Sumário

Apresentação

[Apresentação - 68 e Depois](#) [PDF](#)
Natacha Rena, Marcela Brandão, Pedro Rena 9-12

68 e Depois

[68 e depois: Uma cartografia dos filmes "Morrer aos 30 Anos" e "O Fundo do Ar é Vermelho" / 68 and After: A Cartography of the Films "Half a Life" and "A Grin Without a Cat"](#) [PDF](#)
Maíra Ramirez Nobre, Natacha Silva Araújo Rena, Danilo Caporalli Barbosa 15-52

[1968, o ano que ainda não começou - Comentário ao filme Mourir à trente ans, de Romain Goupil](#) [PDF](#)
Virginia de Araujo Figueiredo 53-77

[Notas em torno do cinema militante de 1960 e 1970 / Notes on the Militant Cinema of the Sixties and Seventies](#) [PDF](#)
Julia Fagioli 79-102

Ajuda do sistema

USUÁRIO

Login
Senha
 Lembrar usuário

NOTIFICAÇÕES

- [Visualizar](#)
- [Assinar](#)

IDIOMA

Selecione o idioma
Português (Brasil)

CONTEÚDO DA REVISTA

Pesquisa
Escopo da Busca
Todos

Procurar

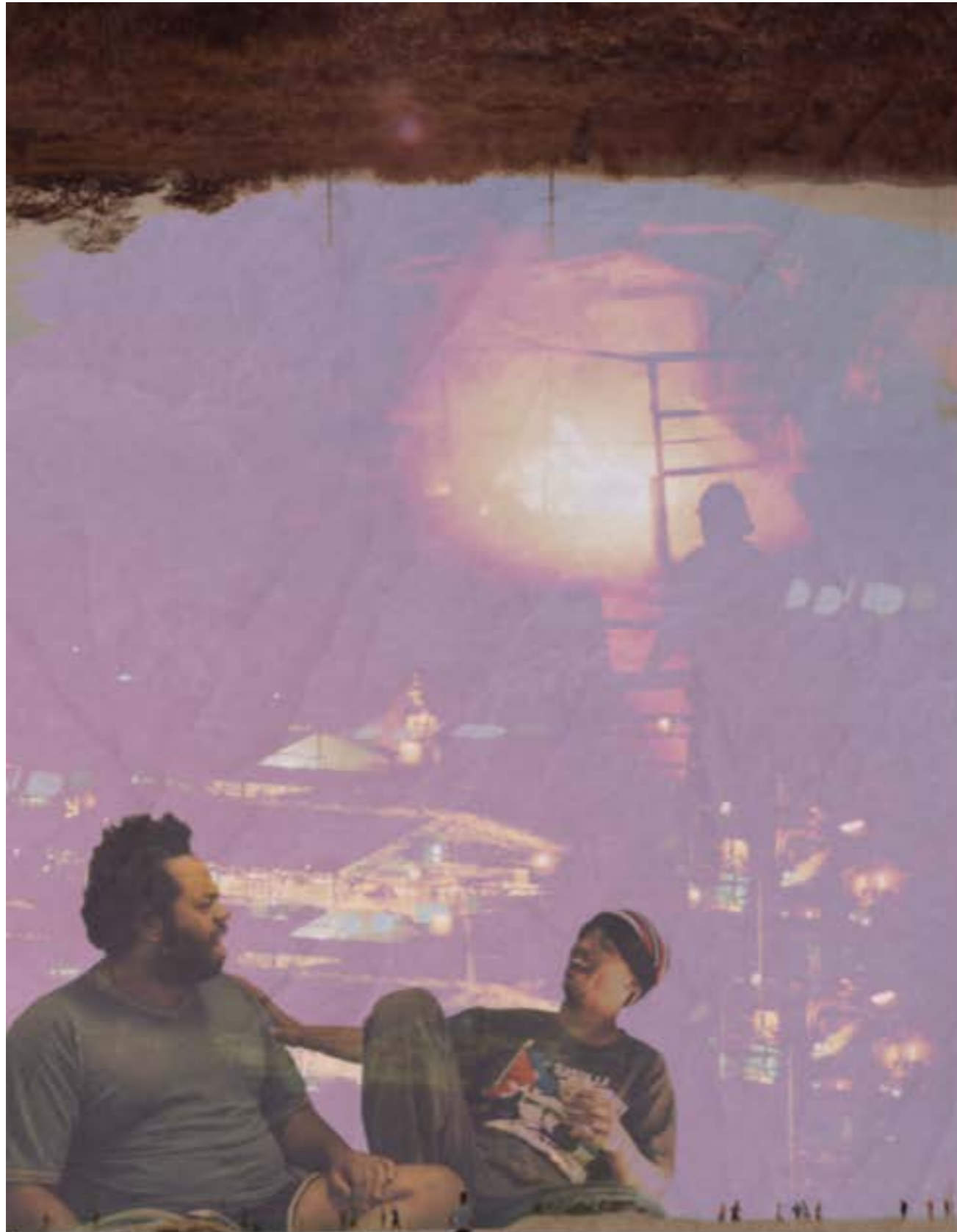
- [Por Edição](#)
- [Por Autor](#)
- [Por título](#)
- [Outras revistas](#)

Direção e montagem do filme *Tarefa de ser* (2018).
Trabalho de retomada de arquivos familiares.

Link: <https://vimeo.com/281990728>



Publicação de artigo científico (2018).



artigos 1

A Grande Máquina e a máquina poética: Cristiano, o narrador

The Great Machine and the poetic machine:
Cristiano, the narrator

Pedro Rena Todeschi*

Resumo

Este ensaio busca fazer uma leitura comparada entre a poesia de Carlos Drummond de Andrade sobre a maquinação do mundo (cf. Wisnik, 2018) — pensando sua contemporaneidade (cf. Agamben, 2009; Tsvetáieva, 2018) — com o filme *Arábia*, de Affonso Uchoa e João Dumans, analisando a resistência subjetiva do personagem Cristiano frente à Grande Máquina do capitalismo através de seu gesto de escrita, de sua máquina poética. Em seguida, refletiremos se Cristiano seria um narrador benjaminiano (cf. Benjamin, 1985), que, com seu diário, testemunha (cf. Seligman-Silva) e transmite suas experiências (pessoais e coletivas) ao personagem André e aos espectadores do filme, como uma forma de sobreviver na máquina contemporânea (cf. Didi-Huberman, 2011).

Palavras-chave: Arábia; Drummond; máquina do mundo; cinema brasileiro; estética e política.

Abstract

*This essay aims at a comparative reading of Carlos Drummond de Andrade's poetry on the world's machinery (cf. Wisnik, 2018) – considering his contemporaneity (cf. Agamben, 2009; Tsvetáieva, 2018) – and the film *Araby*, by Affonso Uchoa e João Dumans, analyzing the subjective resistance of its character Cristiano when facing the Great Machine of Capitalism with his writing, his poetic machine. Afterwards, we intend to discuss if Cristiano would be a narrator in Walter Benjamin's terms (cf. Benjamin, 1985), as his diary testifies (cf. Seligman-Silva) and transmits his experiences (personal and collective) to André and to the film's spectators, as a way to survive in the contemporary machine (cf. Didi-Huberman, 2011).*

Keywords: *Araby; Drummond; world's machinery; Brazilian cinema; aesthetics and politics.*

Fotografia Still e Making Of no filme
Orson Welles em Ouro Preto, de Laura Godoy (2018).





A CASA DO GIRASSOL VERMELHO

Longa-metragem de ficção em finalização

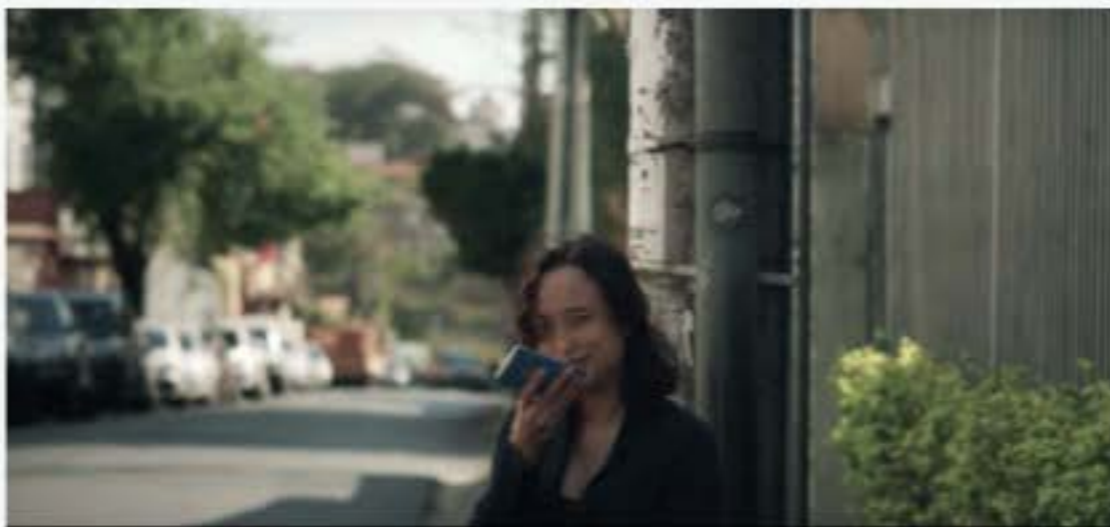
Direção: Éder Santos e Thiago Villasboas

Fotografia: Stefan Ciupek

1º Assistente de câmera: Zinho de Araújo

Minha função: 2º Assistente de câmera





SIGO VIVA

Curta-metragem de ficção premiado no edital BDMG Cultural

Direção: Leticia Ferreira

Fotografia: Zinho de Araújo

Minha função: 1º Assistente de câmera





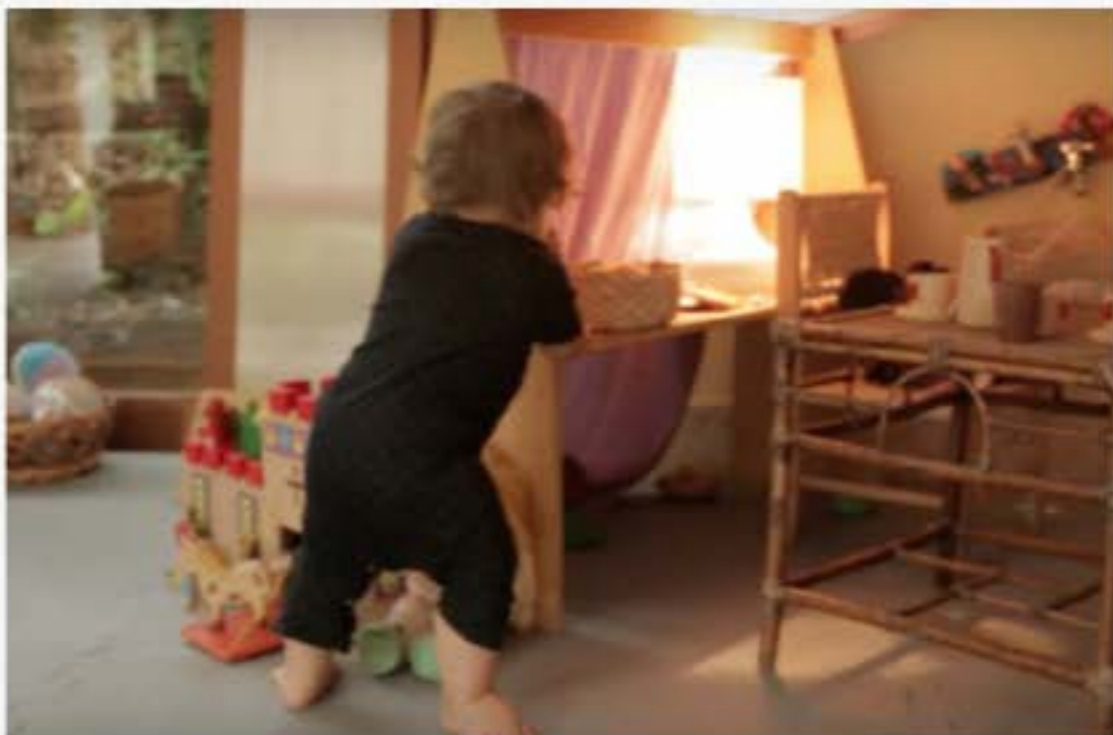
DOS 3 AOS 3

Vídeo promocional para captação de documentário

Direção: Bianca Bethonico

Fotografia: Pablo Lobato

Minha função: Assistência de Montagem



um documentário dedicado à primeira infância



TITANE CANTA ELOMAR

Vídeo de divulgação do CD da cantora Titane

Direção: Clarissa Campolina

Fotografia: Lucas Campolina

Minha função: Assistência de câmera, Logger
e montagem de pilulas





FILMAGEM DE PEÇA TEATRAL NO TEATRO NO MARÍLIA

Controle de Estoque

Direção: Daniel Toledo





FILMAGEM DE PALESTRAS NO SESC PALLADIUM

- 1) Mini-curso e palestra com Peter Pal Pelbart
- 2) Palestra com Roger Chartier e Robert Darnton
- 3) Conversa com Sérgio Alcides e Cláudia Roquette Pinto



Filmagem e Fotografia no *Resiste Isidoro: Convívio*, de Cassia Macieira (2016).

Link: <https://vimeo.com/154838405>



Filmagem da oficina *Cartografias Afetivas: Vila Dias*, ministrada por Ana Lopez (2014).

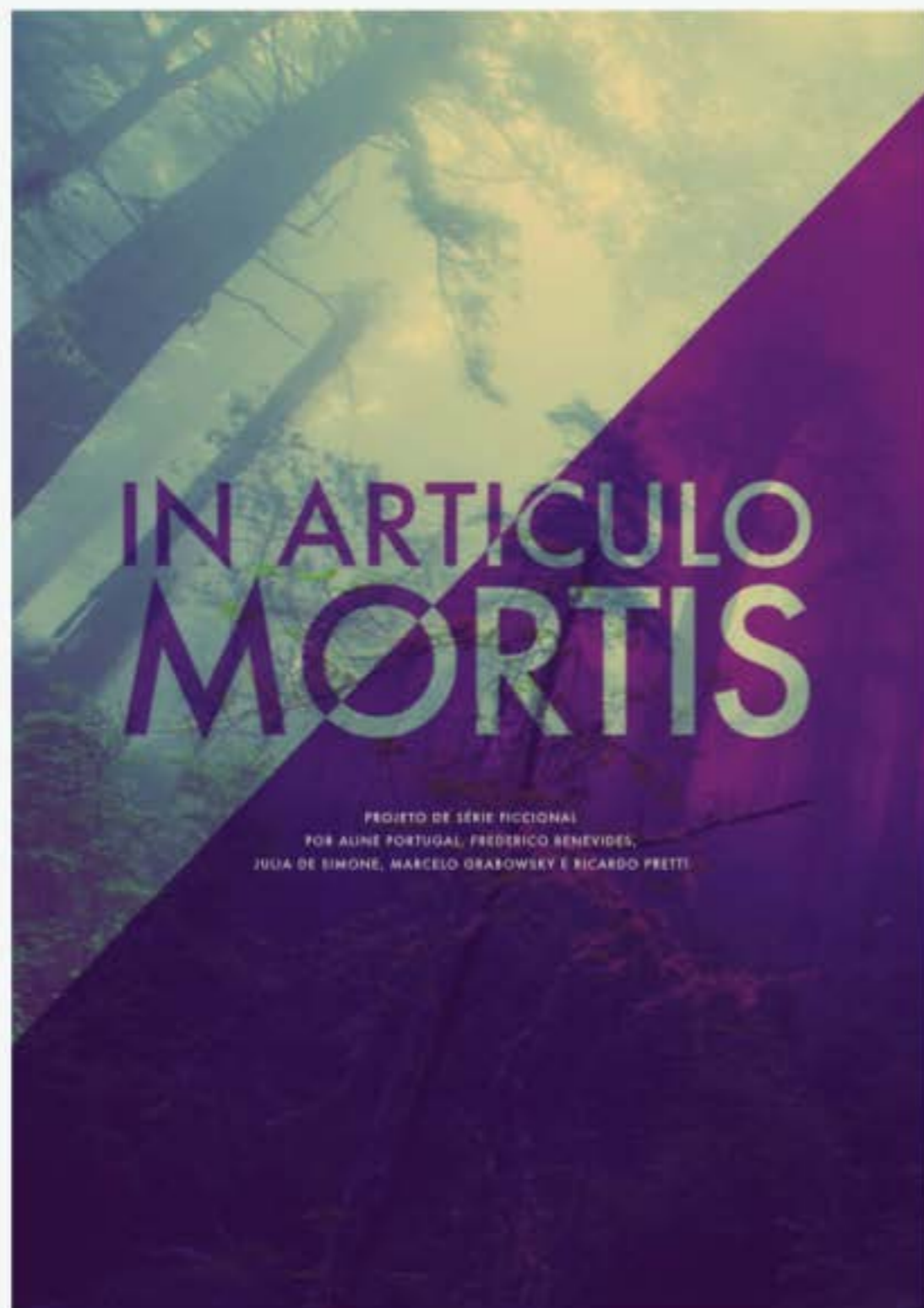


Making Of da exposição *Cartografias do Comum* (2014).





CARTAZ DO FILME SOLON DE CLARISSA CAMPOLINA



CAPA DO PROJETO IN ARTICULO MORTIS